

Comércio teme falência

A aceitação da proposta do Iphan de diminuição dos puxadinhos não será nada fácil. Os comerciantes são enfáticos quando a questão é reduzir a área pública invadida. Eles argumentam que terão muitos prejuízos caso a proposta seja posta em prática.

O presidente do Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do DF (Sindhobar), César Gonçalves, diz que o avanço de três metros não atende à demanda do comércio. Ele cita que as lojas com seis metros de puxadinhos terão o espaço reduzido pela metade. "Para alguns estabelecimentos, por exemplo, isso significa menos nove mesas", conta.

Gonçalves acredita que, se a iniciativa for concretizada, afetará economicamente o comércio local. "A alteração acaba refletindo nos lucros das empresas e pode gerar demissões de funcionários", adianta o presidente do Sindhobar.

TRADIÇÃO - Muitos puxadinhos têm mais de 20 anos de instalação, conta o presidente da Federação do Comércio do DF (Fecomércio), Ademir Santana. "Se tivermos que derrubá-los, vai ser criado um cemitério de ruínas em plena área urbana", acredita. A busca de uma regulamentação

deve ser feita para homogeneizar as quadras do Plano Piloto, emenda o presidente.

A possibilidade de diminuir o espaço utilizado pelos estabelecimentos preocupa os comerciantes. O sócio-gerente da rede de lanchonetes Marvin, Edson Costa, conta que o público da empresa pode reduzir pela metade e causar sérios prejuízos financeiros à casa. "Pode até gerar a falência do estabelecimento", diz.

Segundo o gerente do restaurante Carpe Diem, José Thomazoni, a princípio a casa demitiria pelo menos quatro funcionários". O restaurante usa a área desde 1991 e, segundo o gerente, a empresa paga 40% a mais de IPTU por isso.

"Seria muito bom para os comerciantes a regulamentação do tamanho que poderá ser usado", sugere o presidente do Sindhobar. Segundo Gonçalves, há quatro anos foi entregue ao GDF uma proposta para solucionar a questão. Mas até agora não houve retorno.

A idéia é ampliar o fundo das lojas em seis metros e a lateral até aos pilares do prédio. Nos estabelecimentos entre blocos seria deixado um metro e meio para passagem de pedestres. "Esses espaços seriam vendidos para os comerciantes", detalha César Gonçalves.